

TÂNIA PIRES

Pintar é um divertimento.

Por Clarice Pinheiro*

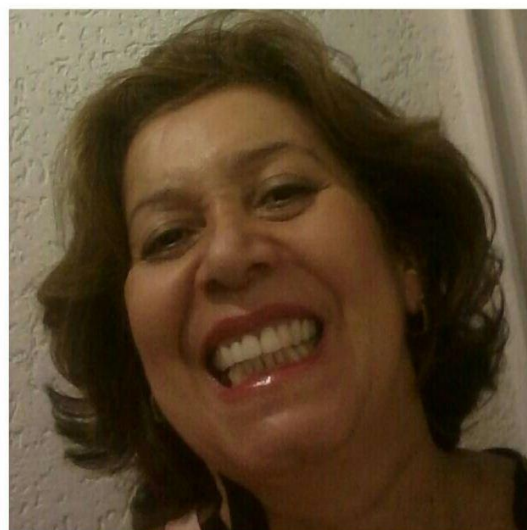


* Clarice Costa Pinheiro fez graduação em Letras Vernáculas na Universidade Federal da Bahia, mestrado em Literatura na Universidade Federal de Santa Catarina e cursa o doutorado no Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo – PPGNEIM/UFBA. Pesquisadora do Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher – NEIM/UFBA, docente do departamento de Estudos de Gênero e Feminismo na área de Gênero, Cultura e Linguagem, na Universidade Federal da Bahia.

Cheguei à casa de Tânia numa manhã ensolarada de meio de semana em Salvador, munida da costureira máquina fotográfica e do gravador. Fui com a ideia de uma entrevista rápida, perguntas chaves que me dessem suporte para escrever este texto, “coisa simples”, como expliquei para ela por telefone, “nada que tome muito o seu tempo”.

O edifício não foi difícil de achar, mesmo sendo uma rua movimentada da cidade. Saí do elevador e dei de cara com uma porta que se abria junto com um sorriso enorme: – *Tânia*, assim ela se apresentou e foi me levando para uma sala cheia de luzes e cores que iam me inundando junto com o sorriso que me recebia.

O sofá onde me sentei tinha almofadas laranjas, verdes, vermelhas e de outras tantas cores, tão integradas na paisagem de pinturas que cobriam as paredes. Ao meu lado as cerâmicas de Nazaré brilhavam como se acabassem de posar para uma foto de turista deslumbrado, no meio de uma feira do Recôncavo Baiano. De olhar para elas eu era capaz de sentir a frieza do barro e o sol quente da feira.



Na minha frente o sacolejar de coloridas saias e colares de baianas apressadas que iam andando e conversando por entre casarios antigos do tempo das colônias portuguesas. Atrás de mim, era como se eu pudesse ouvir o marulho dos coloridos saveiros que atravessavam a baía trazendo as mercadorias que abasteciam a cidade. Saveiros do tempo de minha avó que contrastavam em beleza e cores com os arranha-céus tão de meu tempo.



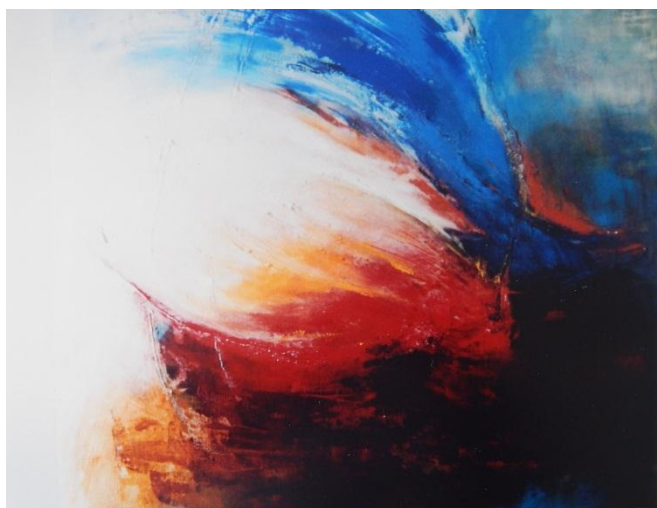


Ao contrário do que eu imaginava, Tânia começou a pintar apenas em 2003, após se aposentar como secretária de uma empresa que funcionava no Polo Petroquímico de Camaçari, região metropolitana de Salvador, afastada cerca de duas, ou três horas de sua casa. Para o Polo ela ia todos os dias úteis dos 27 anos e quatro meses em que trabalhou por lá, entrava no ônibus da empresa nos primeiros raios de sol do dia e retornava nas últimas cores da tarde. Com a aposentadoria, recebeu como prêmio, pelos anos dedicados à empresa, uma ajuda de custo para fazer um curso na área que gostasse. Incentivada pela irmã, iniciou o curso de pintura.

Criada por uma mãe que por longos anos foi professora de trabalhos manuais e também confeiteira de bolos para eventos, Tânia me disse que tanto ela como a irmã sempre tiveram muito estímulo para desenvolver a criatividade por meio das artes. Mas me disse que em sua juventude jamais pensou em pintar, não se sentia capaz de colorir qualquer desenho. Mesmo gostando de desenhar, tudo preto e branco, formas e sombras a lápis. Dessa primeira fase dos desenhos de lápis ou carvão, Tânia não me mostrou imagem alguma, apenas me disse que não era muito boa. Diz que como desenhista amadora estava bem, *tinha verdadeira mania de desenhar rostos*, mas técnica nunca aprendeu e nem teve nenhuma. Achava que jamais conseguiria fazer um desenho usando cores, para ela, sua arte seria sempre preta e branca, nada mais do que a própria imagem e sua sombra.



O primeiro curso de pintura, aquele que ela iniciou em 2002 após a aposentadoria, foi com Carmem Valente, a quem Tânia agradece imensamente e diz ter sido sua primeira mestra. Com Carmem ela aprendeu a parte mais acadêmica, aprendeu a ter mais segurança no traçado, nas retratações, na escolha da luminosidade e também na perspectiva.



Entre abstratos e formas humanas bem definidas, permaneceu com ela em constante aprendizado por quatro anos até que, por problemas pessoais, Carmem Valente não pode mais continuar com o curso. Tânia diz que para ela foi uma fase muito boa, que gostou muito, representou uma tremenda mudança para quem antes só usava luzes e sombras.



Como a pintura e as cores já tinham definitivamente entrado na sua vida, ao ponto dela não querer e nem pensar mais em parar, Tânia foi em busca de outro curso que desse continuidade ao seu aprendizado, porque também não se sentia suficientemente autônoma e capaz para continuar sozinha.

Foi quando ela conheceu o trabalho de Waldo Robatto, que veio a ser o seu segundo mestre e com quem ela passou a desenvolver um trabalho mais artístico e contemporâneo, um trabalho mais livre.

Com Waldo aprendeu a manchar a tela e enxergar as formas que as manchas trazem, a usar imagens sem necessariamente fazer retratações como antes. Sem mais a perfeição do traçado e dos limites. Uma mudança bem visível quando olhamos os dois momentos da sua pintura.



De forma alegre e apaixonada, como uma mãe que relata os primeiros passos de uma filha, Tânia me explicou o modo como cada tela aparece. O “simplesmente andou” veio assim: *Você pega uma tela e mancha primeiro, depois você olha e pensa: o que é que eu vou fazer? Às vezes você nem sabe o que vai fazer, nem sabe o que é que vai dar ali.* Tudo muito simples como são as coisas feitas com muita emoção e pouca razão, como se as imagens aparecessem sozinhas, ou sempre estivessem lá, aguardando apenas algumas cores e um olhar mais atento.

Ela me contou como surgiu a ideia e como fez o quadro de flores pendurado logo na entrada de sua casa [...] *que coisa fantástica é você vê surgir na sua mão, eu fiquei encantada com essa tela e não era nem o estilo que eu fazia, mas fiquei encantada com a experiência.*



Pelo breve relato acima, somos capazes de olhar para as telas dessa sua segunda fase e sentir a liberdade com que Tânia cria cada uma delas. E também entender o que ela quer dizer com o não gostar de receber encomendas. Para ela, quando uma pessoa pede uma tela, é porque já tem uma imagem pensada ou sonhada que ela dificilmente vai conseguir fazer. Encomendas

sempre a deixam com receio, pois sempre acha que a pessoa que encomendou pode não gostar. Ela diz que não se sente profissional o suficiente para ter a segurança de saber exatamente o que deve ser feito com uma técnica e uma ideia. E diz poder até usar os elementos solicitados, mas não põe e nem sabe por sua liberdade criativa de lado. Sente como se estivesse fazendo uma cópia de alguma outra tela sua. Cópia que, por mais esforço que ela coloque, jamais fica tão bonita quanto a primeira, criada com muito mais liberdade e sem a obrigação de ser uma imagem, um tema específico.



Tânia fala que a pintura mudou sua vida, quando pinta é como se habitasse outro lugar. Como se através da pintura ela fosse capaz de desligar o botão da realidade e viver as cores de tal maneira que passa a enxergar a vida por outro ângulo. Como quando seu pai enfrentou um câncer e mudou toda a rotina da família, apenas com a pintura ela era capaz de esquecer-se do mundo e principalmente dos medos e dos problemas. Quando saía da pintura, o que antes parecia impossível de suportar,

passava a ter uma solução, uma possibilidade nova que antes não podia ser vista. Era como se as cores que iam aparecendo nas telas reorganizassem tudo ao seu redor, ela voltava mais disposta a enfrentar os problemas que continuavam lá, mas estavam mais leves, conscientes, mais passíveis de resolução.

Tânia já participou de algumas exposições coletivas, confessa nunca ter pensado em uma exposição individual,

diz que para isso precisaria de uma dedicação integral à sua arte, o que ela considera como impossível com a rotina que tem. Impossível por não ter o grau de profissionalismo necessário para enfrentar o mundo da arte, que ela considera como muito difícil, difícil para divulgar, difícil para expor e muito mais difícil ainda para obter um reconhecimento.



Para ela a pintura faz parte da sua vida como uma diversão, ela não quer o profissionalismo, não quer o reconhecimento, não quer transformar a alegria da sua arte numa obrigação. Mas não pode deixar de perceber que essa fala vem muito no sentido de não se enganar, ela sabe que não pode se dedicar integralmente à pintura





Ela sabe que não pode se dedicar ao ponto de se tornar uma pintora profissional, porque em nenhum momento se esquece das demandas que tem, de cuidados diários com sua mãe de pouco mais de 90 anos, sentada numa cadeira de rodas. Cuidados invisíveis que lhe tomam todas as horas do dia e que mesmo com todo o peso da obrigação, Tânia os torna leves pelo afeto que dedica.

Por trás da pintora que falava de suas telas, uma mulher extremamente afetuosa e cuidadosa com tudo o que a vida lhe traz, com tudo o que a vida lhe trouxe.

Uma mulher que passou a vida preocupada com a família, que nunca se deu ao luxo de fazer qualquer coisa extra, para além de sua própria rotina e despesa. Uma mulher que nunca se deu ao luxo de sonhar.

Foi quando Tânia me disse sobre a beleza da vida quando recomeça e eu percebi que suas telas são também isso, uma vida que recomeça, uma vida que se refaz.





De suas pinturas? Tânia me disse que para ela não existe tela feia, *existe a tela que você gosta e a que você não gosta e nem se identifica*. E confessa uma

verdadeira paixão por pintar baianas e barcos, por pintar a sua cidade. A irmã diz que ela tem mania de azul e ela me diz que começa achar que sim. Eu acredito. Das imagens abstratas, ela fala que foram tentativas, e justifica dizendo que o que ela gosta mesmo é do figurativo

Quando olha hoje para a sua primeira fase, a parte acadêmica já não lhe desperta tanta emoção. Gostou muito das telas que fez, gostou de ter feito cada uma, mas sente que já está em outra coisa, não conseguiria mais retornar. Para ela a retratação limita, o trabalho com manchas é mais libertador, abre mais espaço para a arte, para criar, dá mais possibilidade para a tela dizer o que quer ser.





Tânia me falou que de todas as telas que fez, nenhuma de fato a deixou satisfeita, sempre pensa que falta algo. Eu cá de meu lado penso que no dia em que a satisfação chegar, a artista fecha o cavalete.

Ela permaneceu junto a Waldo Robatto até 2012, quando por conta da doença de seu pai, que faleceu no final daquele ano, se afastou da pintura para se dedicar totalmente ao cuidado dele. Não voltou porque não se sente ainda na condição de voltar, mas sente o retorno muito mais próximo agora. Retornará como discípula de Waldo Robatto que sempre lhe deu a liberdade para se descobrir sozinha, o que pra ela se tornou fundamental.



Quando terminei de fotografar boa parte das pinturas de Tânia, percebi que sua casa era toda branca, as cores vinham dela, com sua roupa preta e das telas penduradas nas paredes.

Saí de sua casa três horas depois me perguntando o que seria da artista se tivesse começado a pintar na juventude, será que o prazer das cores seria o mesmo? Será que me diria tão convicta que *pintar é um divertimento*? Tania me disse que não se sentia uma artista, estava só começando, se esse foi apenas o começo, vamos esperar atentas pelo retorno.



